

## **Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder**

Florianópolis, de 25 a 28 de agosto de 2008

### **Gênero e políticas públicas**

Claudia Maria de Lima<sup>1</sup>, Rosa Maria Saraiva, Maria do Rosário de Fátima Andrade Leitão  
UFRPE  
PNATER; SEAP; desenvolvimento local  
ST 64 - Gênero e Pesca: participação da mulher no desenvolvimento local

O presente projeto adota uma perspectiva de equidade na pesca, até porque a mesma encontra-se relegada aos escalões inferiores da política e da economia (Brasil, 2003:2), pois sabemos que as condições atuais dos pescadores e pescadoras encontram-se desvalorizadas. A intenção ao criar a SEAP (secretaria especial de aqüicultura e pesca), foi para o desenvolvimento sustentável do setor pesqueiro, onde contribuirá para a melhoria da renda, segurança alimentar, diversidade e produção de alimentos, valorizar o conhecimento e incentivar a construção e consolidação de formas associativas.

Já a criação da PNATER (Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural) foi elaborada no sentido de considerar as relações étnicas, de gênero, de geração de renda, a agricultura familiar e a pesca artesanal.

Quando pensamos em gênero e políticas públicas, principalmente na questão da mulher no seu desenvolvimento local, temos que vivenciar as diversidades no seu dia-a-dia, que muitas vezes não é fácil e ainda encontram barreiras dentro da própria casa, principalmente pelo companheiro que tem uma visão machista e não aceita que a sua mulher desenvolva um trabalho pesqueiro e como muitas vezes a renda dentro da própria casa não chega a um salário, ela vai à luta para ajudar a sobrevivência familiar.

Ao desenvolvermos projetos ligados a políticas públicas, temos que conhecer os problemas principais que afetam a comunidade e fazer desses problemas soluções, soluções essas que sejam rentáveis para o desenvolvimento local.

À medida que experiências diferenciadas venham a surgir em comunidades carentes, trazendo resultados de desenvolvimento com políticas públicas, percebemos que uma modernização começará a surgir no âmbito da pesca. E dentro deste cenário que emerge a noção de desenvolvimento local, como uma forma para resolver os problemas de exclusão social presente em uma sociedade globalizada.

---

<sup>1</sup> Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal Rural de Pernambuco e Licencianda em Ciências Sociais pela UFRPE. Trabalho a ser apresentado no Simpósio Temático **Gênero e Pesca: participação da mulher no desenvolvimento local**.

Ao fazer estudo de desenvolvimento local, englobo como referência a comunidade de Brasília Teimosa, localizada no bairro do Pina em Recife- PE, onde faço um estudo de pesquisa juntamente com a Universidade Federal Rural de Pernambuco, Universidade Federal de Pernambuco e a Universidade Católica de Pernambuco e a coordenadora do projeto Dr<sup>a</sup> Maria do Rosário de Fátima Andrade Leitão, desde a primeira visita a comunidade em abril de 2008 percebemos que ainda não havia tido projetos que beneficiasse o local e em especial as mulheres, as quais tem uma presença marcante na colônia pois existem 260 mulheres marisqueiras.

A comunidade quer mais investimentos, no entanto nenhum projeto foi totalmente concluído, quando aconteceu a nossa primeira reunião, houve uma presença massiva das mulheres da comunidade, trinta mulheres participaram e narraram os problemas vivenciados por elas no dia-a-dia e em especial a falta de desenvolvimento de projetos que viabilize outras formas delas garantirem seu sustento, já que no inverno, não conseguem ir para o mangue para catar o marisco.

Criar formas de desenvolver projetos em uma comunidade dessa é fazer com que a mulher fique inserida em um mercado de trabalho que seja rentável, já que o marisco por elas vendido custa R\$ 3,00 um quilo. Muitas vezes, sai de casa de madrugada para encontrar a maré baixa e pegar uma boa quantidade, para ter uma irrisória renda, isto quando consegue vender, pois muitas vezes é o seu próprio alimento durante vários dias, pois muitas têm mais de cinco filhos, não são casadas e tem idade entre 14 e 57 anos.

Pensar em desenvolvimento local é incorporar assuntos como: sustentabilidade ambiental, participação política das comunidades e regulação institucional local e ainda incluir idéias culturais ao lado de sustentabilidade econômica, social e ecológica.

O tema gênero e políticas públicas consistem numa problemática instigante porque o mundo da pesca ainda é considerado um universo masculino, e a participação das mulheres nesta atividade ainda gera um peso na concepção masculina. Nessa profissão, a relação entre homens e mulheres acarreta o mesmo que acontece no resto da sociedade, apesar de se esforçarem como pescadoras, as mulheres não têm o seu trabalho valorizado, por esse motivo elas próprias não conseguem perceber a importância do seu papel.

Quando fomos à comunidade de Brasília Teimosa e fizemos a reunião algumas das reivindicações das marisqueiras era aprender cursos: de artesanato, de corte e costura, de gastronomia, de bordado, de cooperativismo e etc. A partir desse enfoque pode ser feito eventos de sensibilização, de capacitação com o objetivo de fazer com que a mulher reconheça o seu poder sobre as desigualdades socialmente construídas nas relações de gênero e o princípio de igualdade, juntamente com uma cooperação social, política e econômica; das tradições populares que faz um problema organizacional

para o desenvolvimento humano, econômico e social que podem ser superados com o incentivo, trazendo alternativas reais para os problemas locais começando com uma modificação de divisão sexual do trabalho.

Apesar dos relatos de vivências de situações discriminadoras e da percepção das condições de desvantagens atribuídas às mulheres para estruturação de suas carreiras, a tônica das considerações das poucas mulheres que conseguiram se situar nesses níveis hierárquicos superiores está no sentido da condenação de qualquer política protecionista. A ascensão como consequência “natural” da conquista dos canais que configuram a “igualdade de oportunidade” é a representação predominante.

A identidade de gênero é moldada por relações sociais complexas e dinâmicas e expressa às contradições das relações de poder de classe, de sexo, de raça. Ela é, assim, parte do discurso político de uma sociedade, é, portanto, necessário que as ciências sociais incorporem a noção de assimetria sexual a fim de que avancemos na compreensão das formas como esta se processa e se reproduz em sociedades históricas concretas. (Rosaldo e Lamphere, 1979, p. 70)

Por ser um fenômeno social esta assimetria é objeto das ciências sociais. O objeto tanto mais desafiante quanto mais complexo parece ser, na medida em que a questão da identidade de gênero comportaria ainda um elemento universalisante: na avaliação cultural do homem e da mulher o feminino parece ter sido, sempre, o menos valorizado. (Rosaldo e Lamphere, 1979, p. 70)

Em todas as sociedades conhecidas pode-se reconhecer a necessidade do homem em se realizar. Ele pode cozinhar, tecer, vestir bonecas ou caçar colibris mas se tais atividades são ocupadas apropriadas o homem, então toda a sociedade, tanto homens como mulheres, as considera importantes. Por outro lado, quando essas mesmas ocupações são exercidas pelas mulheres, são consideradas menos importantes.<sup>2</sup>

Muitas mulheres na comunidade de Brasília Teimosa se sentem numa relação de subordinação ao marido, pois no dia que fizemos a reunião muitas não puderam comparecer, pois os maridos “machistas” disseram que isto era perda de tempo e não ia resolver nada, e elas não teriam tempo para cuidar da casa. E sabemos que no trabalho da pesca existe uma divisão sexual do trabalho bem definida, as mulheres geralmente realizam suas atividades nos mangues e no beneficiamento do pescado, pois até no trabalho existe a autarquia machista do homem.

---

<sup>2</sup> Margaret Mead, citada por M. Rosaldo e L. Lamphere em *A Mulher, A Cultura, A Sociedade*, Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1979, p.15.

Vários autores têm enfatizado a importância de se estudar o machismo, na medida em que este constitui um traço básico de um complexo ideológico bem mais amplo, com profundas repercussões políticas, econômicas e simbólicas.

J.Gillin (1995), por exemplo, aborda-o do ponto de vista antropológico, Evelyn Stevens (1965), estuda o machismo numa perspectiva política Ignácio Martín Baró (1968), procura o esclarecimento da questão em uma perspectiva psicológica.

A nossa sociedade atenta para o simples fato de mulheres e homens serem diferentes não apenas quanto a sua natureza, mas também quanto a seu desenvolvimento social, é o primeiro passo no difícil caminho que deve ser percorrido para garantir os direitos das mulheres. O segundo passo nessa direção é implantar programas cujos objetivos reconheçam as desigualdades entre homens e mulheres, e cujas ações estratégicas orientem-se no sentido de combater a discriminação contra as mulheres.

A desvalorização e, conseqüente, a discriminação das mulheres propicia sua invisibilidade no espaço público estabelecendo-se, assim um círculo vicioso que é necessário quebrar.

Costa (2000:3) comenta que embora os indiscutíveis avanços da condição feminina, muitas mulheres ainda são excluídas dos espaços onde se tomam as decisões relativas aos rumos da sociedade. Muitas delas ainda não podem decidir sobre suas vidas, não se constituem enquanto sujeitos, não exercem o poder e principalmente, não acumulam este poder, mas o reproduzem, não para elas mesmas, mas para aqueles que o de fato o controlam.<sup>3</sup>

A expressão “fazendo gênero” é usada para distinguir e gerar mudanças nas relações entre homens e mulheres e, assim, enfraquecer a subordinação feminina e fortalecer o exercício do poder por parte das mulheres. Os seus mecanismos de exclusão, enquanto mulheres è diferente dos mecanismos de exclusão de outros grupos sociais, embora as mulheres sejam alvo do preconceito que se encontra no topo de qualquer tipo de exclusão que é a subordinação ao homem.

A exclusão ocorre em qualquer tipo de profissão e na pesca não é diferente, pois os seus próprios companheiros as desvalorizam dizendo que elas não servem para ir a alto mar, pois não sabem guiar uma baiteira (canoa), dizem que elas só servem para serviço leves como catar e limpar mariscos. Por isso promover a inclusão produtiva destas mulheres e estimular o crescimento da participação delas na produção e preservação ambiental é um dos meios para um desenvolvimento local.

---

<sup>3</sup> Costa, Ana A. Gênero, poder e empoderamento das mulheres. Salvador: NEIM/ CAAR, 2000, mimeo [Texto de apoio I seminário de Aprofundamento do Trabalho com Gênero no Pró- Gavião].

Ao se pensar em políticas públicas para o setor pesqueiro, visando um desenvolvimento local sustentável é uma iniciativa importante, pois se reconhece que a mão de obra que trabalha com a pesca artesanal ficou relegada durante anos das principais decisões da política e da economia do país.

As experiências de vida das mulheres e dos homens diferem como também diferem as experiências de vida das mulheres cuja inserção na sociedade varia conforme a classe a que pertençam às idades que tenham, a religião pela que optem, à raça ou etnia a que pertençam e muitas outras condições. Entretanto, essa pluralidade da vivência feminina ainda não é reconhecida como parte da realidade social, o que se expressa no uso do singular, “mulher”, para se referir a um universo heterogêneo que elas compõem.

Neste contexto observa-se a necessidade de adesão de princípios da PNATER, para haver entre outros, a inclusão de gênero, em síntese, as palavras saírem dos discursos para a experiência cotidiana.

### *Referências*

- BRUSCHINI, Cristina e SORJ, Bila. **Novos olhares: mulheres e relações de gênero no Brasil**. São Paulo: Marco Zero: Fundação Carlos Chagas, 1994.
- COSTA Janleide Rodrigues. **Sustentabilidade ambiental local: o caso da comunidade pesqueira de Ponta Grossa-Icapuí-Ceará-Brasil**. Tese (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente). 2003. 91p. Universidade Federal de Fortaleza, Ceará.
- FONTELES-FILHO, A. A. **Diagnóstico e Perspectivas do Setor Pesqueiro Artesanal do Estado do Ceará**. In: WORKSHOP INTERNACIONAL SOBRE A PESCA ARTESANAL, 1997, Fortaleza. Anais do WORKSHOP INTERNACIONAL SOBRE A PESCA ARTESANAL. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará/LABOMAR, CIDA/Memorial University of Newfoundland, 1997, pp. 43-50.
- JARA, C. J. **A sustentabilidade do desenvolvimento local**. Brasília: Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA): Recife: Secretaria do Planejamento do Estado de Pernambuco - Seplan, 1998.
- KARTCHEVSKY-BULPORT, Andrée et al. **O sexo do trabalho**. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1987.
- LEITÃO, Maria Rosário de Fátima Andrade. (Org.) **Extensão Rural, Extensão Pesqueira: experiências cruzadas**. FASA Gráfica: Recife, 2008.
- LUZ, Madel T. (Org.). **O lugar da mulher**. Graal: Rio de Janeiro, 1982.
- SUÁREZ, Mireya, TEIXEIRA, Marlene e CLEAVER, Ana J. Teodoro. **Gestão local e desigualdade de gênero**. Brasília: Cadernos Agende, 2002.
- MORAES, A. C. R. **Antecedentes, Estrutura e Objetivos do GERCO**. Brasília: MMA. Coletânea de Textos, Treinamento operacional das equipes de Gerenciamento Costeiro dos Estados das Regiões Norte/Nordeste e Sul/Sudeste, 1994.
- MORAES, A. C. R. **Contribuições para a Gestão da Zona Costeira do Brasil: Elementos para uma Geografia do Litoral Brasileiro**. São Paulo: Editoras HUCITEC e USP, 1999.